

O desafio das vanguardas: Nação, Cosmopolitismo e intercâmbios intelectuais entre Argentina e Brasil. Estudos comparados em Argentina y América Latina

Warley Alves Gomes

A modernidade ensejou novos hábitos e novas sensibilidades. O gosto pelo passeio, pelo flerte, pelos novos espaços de sociabilidade -bares, teatros, cafés- deram ao homem uma forma diferente de perceber a vida e o tempo, de perceber a si mesmo. No final do século XIX e no início do século XX, principalmente a primeira década, a humanidade pensava-se na rota para o progresso, rumo à um horizonte no qual a harmonia reinaria soberana, e os problemas mais sérios, como a fome, a miséria, o «atraso», a «barbárie», seriam extintos. Tal crença era consequência das diversas meta-narrativas surgidas a partir de meados dos séculos XVIII-XIX, como o iluminismo, liberalismo, positivismo, anarquismo, socialismo e o comunismo. Os «ismos» como diria Koselleck, quando surgidos, baseiam-se apenas parcialmente na experiência, e se orientam quase totalmente para o porvir. Como conceitos de compensação temporal, a expectativa que manifestam no futuro é inversamente proporcional à experiência que lhes falta (KOSELLECK, 2007). O que podemos inferir, então, é que tais conceitos davam mais uma demonstração de que ainda em inícios do século XX, a modernidade transmitia à humanidade a mensagem de que avançávamos em direção a um futuro melhor, e ao qual, ansiávamos chegar.

Ainda que estas mudanças tenham ocorrido em grande parte do mundo, é necessário ressaltar que não ocorreu da mesma forma em todos os lugares, nem mesmo sua significação foi uniforme. Em nosso texto vamos tratar do fenômeno da modernidade na América Latina. Mais especificamente, vamos analisar os casos de São Paulo e Buenos Aires, cidades nas quais o ideal de modernização alcançou níveis consideráveis se comparados aos de outras cidades da região. Nosso objeto de estudo serão as revistas vanguardistas que circularam na década de 1920: as brasileiras *Klaxon* e *Revista de Antropofagia*, e as argentinas *Proa* e *Martín Fierro*. Consideramos que através delas podemos perceber as discussões intelectuais que estavam em voga durante aquela década, bem como as sensibilidades e idéias circulantes no período. O que Beatriz Sarlo afirma para a realidade argentina também pode ser pensado para o caso brasileiro:

Como era previsible, las revistas son un instrumento privilegiado de intervención en el nuevo escenario. Grandes líneas de la cultura argentina se presentan e imponen en las revistas de los años veinte y treinta. (...) En las revistas se procesan todos los tópicos y se definen los obstáculos que enfrentan los movimientos de renovación o democratización de la cultura argentina. Ellas diseñan estrategias y allí se definen las formas de coexistencia o conflicto entre diferentes fracciones del campo cultural (SARLO, 1988).

A revista *Klaxon* circulou entre maio de 1922 e janeiro de 1923 e contou com a colaboração de diversos membros do Movimento Modernista brasileiro, como Mario de Andrade, Menotti del Picchia, Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Sérgio Buarque de Holanda. A revista servia mesmo para divulgar as idéias deste grupo que buscava uma renovação no campo artístico nacional. Já a *Revista de Antropofagia*, circulou entre maio de 1928 e fevereiro de 1929 e foi dividida em duas fases, ou «dentições», como denominado pela própria revista. A revista foi dirigida por Alcântara Machado e Raul Bopp, e contou com a colaboração de Oswald de Andrade (quem escreveu o *Manifesto Antropófago*), Mario de Andrade, Plínio Salgado, Jorge de Lima,

Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Menotti del Picchia, entre outros. Como podemos notar, diversos intelectuais que colaboravam na *Klaxon* também estiveram envolvidos na produção da *Revista de Antropofagia*.

Já no campo cultural argentino temos a *Proa* e *Martín Fierro*. *Proa* apresentou duas fases, sendo que a primeira circulou no ano de 1922, com apenas três números, e a segunda fase, entre 1924 e 1925, completou 15 edições. Entre os fundadores estavam Jorge Luis Borges, Eduardo Gonzalez Lanuza, Francisco Piñero, Norah Borges, Macedônio Fernandez e Guillermo Juan Borges. *Martín Fierro* foi talvez a revista literária vanguardista que maior impacto causou na Argentina, circulando entre fevereiro de 1924 e 1927. Foi fundada e dirigida por Evar Méndez, e com a colaboração de José B. Cairola, Leonidas Campbell, H. Cambarat, Luis L. Franco, Oliverio Gironde, Ernesto Palácio, Pablo Rojas Paz, Gastón O. Talamón. Publicou textos de vários autores argentinos, entre eles Jorge Luis Borges, Leopoldo Lugones e Xul Solar.

Cada uma destas revistas possuem qualidades próprias e diferem significativamente uma das outras, mas consideramos que um ponto em comum, que as aproxima, é a de uma necessidade ao moderno, ao contemporâneo. É possível compreender nelas uma sensibilidade temporal bastante moderna. Logo nas primeiras páginas da primeira edição de *Klaxon* podemos perceber isto: «Klaxon não se preocupará de ser novo, mas de ser actual» (*Klaxon* nº 1, 1922, p. 3, grifos na edição original). A mesma idéia pode ser notada na revista *Martín Fierro*, em texto escrito por Oliverio Gironde, chamado *Manifiesto da Martín Fierro*: «**MARTIN FIERRO** sabe que 'todo es nuevo bajo el sol' si todo si mira con unas pupilas actuales y se expresa com um acento contemoráneo» (GIRONDE, *Martín Fierro* nº 4, p. XVI ed. facsimilar, 1995).

Nosso objetivo aqui é refletir sobre a importância destas revistas para a percepção dos debates circulantes na década de 1920, principalmente no que se refere aos temas da nação, do cosmopolitismo e dos intercâmbios culturais. Também vamos procurar refletir sobre as relações entre modernidade e tradição na América Latina através das questões colocadas por estas revistas.

O passo inicial para nossa discussão é situar as questões da América Latina no debate em torno da modernidade. Embora a questão da modernidade já tenha sido tratada por diversos autores², vamos usar aqui a proposta por Berman:

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, «tudo que é sólido desmancha no ar». (BERMAN, 2007: 24).

Assim, vamos conceber a modernidade como um fenômeno no qual as mudanças ocorrem de forma cada vez mais intensa, e no qual a integridade e a identidade são elementos que devem ser repensados e re-elaborados constantemente. Com isso, queremos dizer que para viver em um mundo moderno é necessário adaptar-se às mudanças, ao mesmo tempo compreendendo seu papel ativo como agente transformador. Tal visão da modernidade nos parece mais ampla do que a simplificação feita por seus críticos, que a estabelecem como a construção de meta-narrativas que exaltavam a razão e o processo civilizador, e que acabaram levando o homem ao holocausto. Acreditamos que seja mais que isto.

Não obstante tal apresentação, temos que pensar o processo modernizador na América Latina e a relação das revistas culturais da década de 1920 com ela. O livro de Nestor García Canclini, *Culturas Híbridas*, nos coloca questões interessantes. Como pensar a modernidade em uma região na qual a tradição ainda exerce um peso considerável nas relações sociais e culturais? Onde as ondas de modernização não conseguiram suprir as carências básicas da população, como é o caso da democratização cultural e da alfabetização? Onde os códigos culturais da aristocracia eram o principal fornecedor de recursos culturais para os artistas, que

agora tem de lidar com a hegemonia do mercado no que toca à organização cultural da sociedade?

Talvez o primeiro passo para tentar responder às questões acima, é tentar romper com a idéia de que tradição e modernidade sejam termos antagônicos. Antes, os elementos contidos em cada um destes termos se misturam e mesmo se reinventam. Assim, da mesma forma em que a tradição encontra novos suportes nos artefatos e modos de circulação próprios da modernidade, esta última não consegue se estabelecer sem realizar um diálogo com as tradições. Ainda que o ato seja de ruptura, o contato se faz necessário. O que notamos nas vanguardas artísticas brasileiras e argentinas -cujas revistas estudadas aqui são o principal meio de circulação de suas idéias-, é uma verdadeira mescla de elementos tradicionais e modernos.

A vontade do «novo», do contemporâneo, podemos até mesmo dizer a vontade de um futuro no presente, anda de mãos dadas com a reconstrução do passado no presente. Mais que a simples oposição entre passado e futuro, encontramos, nestas revistas, uma mudança na forma de perceber o tempo, marcada pelo encontro de uma concepção da tradição –tanto europeia como nacional– com a vontade de experimentar o futuro, que ainda não chegou. Necessário dizer que este passado muitas vezes está projetado em uma noção mais mítica³ que propriamente historiográfica, remetendo a uma idealização dos elementos nacionais, como é o caso do indígena no modernismo brasileiro e do criollismo de Borges. Como afirma Beatriz Sarlo em relação aos manifestos circulados nas revistas vanguardistas:

Parecen colocarse fuera de la sociedad y, sin embargo, es la sociedad y su colocación en ella la que hace posible su programa: «lo nuevo» es defendido precisamente por quienes están seguros de su pasado, que pueden recurrir a la tradición y rearmarla como si se tratara de un album de familia.

Novamente recorreremos aos manifestos para explicitar a relação que estabelecemos entre tradição e modernidade. No *Manifesto Antropofágico* isto é bem claro:

«Filiação. O contacto com o Brasil Carahiba. Ou Villeganhon print terre. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução surrealista e ao bárbaro technizado de Keyserling. Caminhamos». (ANDRADE, Oswald de. *Revista de Antropofagia* n° 1: 3)

A presença de elementos da tradição, como Carahiba, Rousseau, Revolução Francesa são levados em consideração por Oswald, e esta se funde com a modernidade na figura do «bárbaro technizado de Keyserling». A relação com a tradição também se apresenta em alguns momentos na revista *Martín Fierro*, como nota-se no excerto abaixo, extraído da edição n° 26, que marca o retorno da circulação da revista, após alguns meses em inatividade:

Después de varios meses de reposo, bien ganado tras dos años de lucha por definir una orientación en la juventud, y por depurar el heterogéneo conglomerado de todo núcleo que pugna por organizarse, firme el ánimo y la estilográfica bien cargada, aquí estamos, con el mismo programa: el de la formación de un ambiente fecundo para la creación artística, el de revelar y difundir los nuevos valores intelectuales, el de promover la renovación estética, en todas las artes, con un hondo designio de colaborar eficientemente en el progreso de la cultura nacional; *muy argentinos de hoy, ante todo, que es decir, con la recia raíz gaucha y el acento genuino de la civilización occidental de que formamos parte, y dentro de la más pura tradición y las proyecciones que quisieron dar a nuestro pueblo los organizadores de la nación. Somos su auténtico fruto*. (La Dirección, *Martín Fierro* n° 27/28, grifos nossos).

Nota-se, a partir do excerto acima, como tradição e modernidade se encontravam nas revistas vanguardistas, e como uma acabava por ressignificar a outra. Apesar disto, é necessário afirmar que a intenção dos vanguardistas sempre foi a de dar ênfase ao «moderno», ao «contemporâneo». Talvez a relação seja mesmo a de uma dialética entre recusa e assimilação da modernidade.⁴

Outro ponto de tensão no que toca às vanguardas é a relação entre cosmopolitismo e nacionalismo. O primeiro ponto apresenta-se de duas maneiras: uma primeira manifestação que é o contato com as culturas européias, e uma outra manifestação, que se dá a partir de uma perspectiva latino-americanista, encontrada principalmente em *Proa*, que abrange em alguns momentos o *ariélismo*.⁵

A questão do contato com a Europa é bastante clara, visto que muitos dos escritores vanguardistas foram para lá e tiveram contato com suas vanguardas, como é o caso do futurismo de Marinetti e o ultraísmo espanhol, do qual Borges se apropriou e trouxe para a Argentina em 1921. Tanto no Brasil como na Argentina os exemplos de intelectuais vanguardistas que viajaram para a Europa abundam: Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Borges, Oliverio Girondo, Xul Solar, entre outros. A Europa era, naquela época, um grande pólo de atração para a intelectualidade latino-americana, exercendo uma influência muito importante nos cenários culturais de nossos países (ZANETTI, 1994). Mas não podemos tratar das apropriações feitas pelos latino-americanos na Europa como meras reproduções de sua arte. O que houve de fato foi uma reinvenção dos elementos encontrados na arte européia, adquirindo um novo sentido na América Latina.

Os elementos pertencentes ao campo cultural moderno se cruzaram aqui com elementos autóctones, como é o caso do indígena no Brasil, e pertencentes à tradição, como foi o criollismo de Borges. Era necessário adequar os elementos europeus à realidade de nossos países. É então que se começa a formular uma tentativa de construir uma visão de identidade nacional, que, ao mesmo tempo em que coloca em relevo o diálogo com a Europa, ressalta aspectos tradicionais de nossa cultura, também cruzados com elementos modernos. Assim é a Revolução Francesa que antecede a «Revolução Carahiba» no *Manifesto Antropófago*, são a linguagem criolla e os bairros antigos de Buenos Aires em Borges, é o pau-brasil para nomear o manifesto de Oswald de Andrade (marcado por diversos elementos da cultura européia).

Quando partimos para uma análise das revistas não faltam elementos que comprovem nossa afirmação. A revista *Klaxon* teve representante na Suíça e na Bélgica, publicou poemas em francês em suas páginas e buscava trazer as últimas novidades literárias vindas da Europa. A relação tensa entre o cosmopolitismo e a tentativa de repensar a identidade nacional também se evidencia nas primeiras páginas da primeira edição, quando se busca pontuar as questões pelas quais a revista se pautará: «KLAXON sabe que a humanidade existe. Por isso é internacionalista. O que não impede que, pela integridade da pátria, KLAXON morra e seus membros brasileiros morram» (A Redação, 1922, *Klaxon* nº1: 3). Na *Revista de Antropofagia* isto também aparece bem claro: «Tupy or not tupy, that's the question» (ANDRADE, *Revista de Antropofagia*, nº1: 3). A própria idéia da antropofagia, de engolir a cultura européia e, digerindo com a nossa, criar algo novo, aparece não só na proposta de antropofagia de Oswald de Andrade, mas também no *Manifesto de Martín Fierro*: «**MARTIN FIERRO** tiene fé en nuestra fonética, en nuestra visión, en nuestros modales, en nuestro oído, en nuestra capacidad digestiva y de asimilación» (GIRONDO, Oliverio, *Martín Fierro* nº 4, *apud*. Ed. Fac-similar: XVI, 1995).

A revista *Proa* apresenta um internacionalismo mais ligado ao arielismo, ou seja, percebemos nela um lugar mais destacado à América Latina, ou ao menos à América Hispânica. A Primeira Guerra Mundial, a Reforma Universitária de 1918 na Argentina, contribuíram para uma ressignificação do lugar da América no cenário internacional, e principalmente, na forma como os latino-americanos se viam (ACHUGAR, 1994), como nos mostra o trecho a seguir, escrito por Borges em 1924:

Foi a guerra que tornou possível a libertação. Começou por abalar terrivelmente nossos nervos, depois provocou terríveis paixões e, por último, serviu de escalpelo sob cujo talho seguro ficavam a descoberto os mais complicados problemas da cultura. Era tal a evidência da hecatombe que todos, velhos e jovens, durante quatro anos vivemos polarizados e absorvidos por ela; fazendo com que, pela primeira vez neste país, uma geração se formasse à margem do mecanismo tutelar e de seu ambiente. Passada a tragédia, foi impossível restabelecer o ritmo perdido, e o primeiro fruto desse parto foi a reforma universitária; (...)

Há pouco tempo Oliverio Gironde levou consigo o primeiro fruto. Foi possível solucionar todos os conflitos que antagonizavam as principais revistas dos jovens e formar uma frente única. E, na qualidade de embaixador e com o propósito de efetivar o intercâmbio intelectual, Gironde foi visitar os principais centros de cultura latino-americanos

(BORGES, 1924, *PROA* nº 1. *Apud.* SCHWARTZ, Jorge, 1992).

Concluindo, podemos pensar como estas revistas foram um importante meio de circulação de idéias, tanto as trazidas da Europa, através das viagens intelectuais, como as idéias que circulavam no interior da Argentina e do Brasil. No interior delas travaram-se disputas próprias do campo intelectual, assim como relações de sociabilidades as mais diversas. Tais revistas estavam amplamente integradas ao ideal de modernidade presente no início do século XX. As páginas das revistas vanguardistas foram destinadas e produzidas por homens que tinham o gosto pelo contemporâneo, que viam o tempo passar a partir de uma nova perspectiva, em uma modernidade na qual tudo parecia desmanchar no ar.

Fontes disponíveis

- Klaxon* nºs 1 a 8. Disponíveis em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/62>
- Revista de Antropofagia* nºs 1 a 15. Disponíveis em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/65>.
- Revista Martín Fierro 1924-1927. Edición Facsimilar.* Fondo Nacional de las Artes. Argentina. 1995.

Bibliografia

- ~ACHUGAR, Hugo. «La hora americana o El discurso americanista de entreguerras», in PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palabra, literatura e cultura*, São Paulo, Memorial; Campinas, Ed. Unicamp, 1994, vol 2.
- ~ADORNO, Theodor e HORKEIMER, Max, *A dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985.
- ~BERMAN, Marshall, *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura na modernidade*, São Paulo, Companhia de bolso, 2007.
- ~CANCLINI, Nestor García, *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*, 4ª edição. São Paulo, Edusp, 2004.
- ~HABERMAS, Jurgen, «Modernidade: um projeto inacabado», in ARANTES, Otília B.F. e ARANTES, Paulo Eduardo. *Um ponto cego no projeto moderno de Jurgen Habermas: arquitetura e dimensão estética depois das vanguardas e duas conferencias de Jurgen Habermas*, São Paulo, Brasiliense, 1992.
- ~KOSELLECK, Reinhart, *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio, Contraponto, 2006.
- ~LYOTARD, Jean-François, *A condição pós-moderna*, 11ª edição, São Paulo, Ed. José Olympio, 2009.
- ~ROUANET, Sergio Paulo, «A verdade e a ilusão do pós-moderno», in *As razões do Iluminismo*, 2ª edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- ~SARLO, Beatriz, *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, Buenos Aires, Nueva Visión, 1988.
- ~SCHWARTZ, Jorge, *Vanguardia e cosmopolitismo*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1983.
- ~SCHWARTZ, Jorge, *Vanguardas argentinas*, São Paulo, Iluminuras, 1992.
- ~ZANETTI, Susana, «Modernidad y religación: una perspectiva continental (1880-1916)», in PIZARRO, Ana (org.), *América Latina: palabra, literatura e cultura*, São Paulo: Memorial; Campinas, Ed. Unicamp, 1994, vol 2, pp. 489-534.

Notas

¹ Warley Alves Gomes é estudante de pós-graduação, nível mestrado, da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

² Para um debate em torno da questão da modernidade ver os textos de ROUANET, Sergio Paulo, «A verdade e a ilusão do pós-moderno», in *As razões do Iluminismo*, 2ª edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2005; ROUANET, Sergio Paulo, «A verdade e a ilusão do pós-moderno», in *As razões do Iluminismo*, 2ª edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2005; HABERMAS, Jürgen, «Modernidade: um projeto inacabado», in ARANTES, Otilia B.F. e ARANTES, Paulo Eduardo, *Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas: arquitetura e dimensão estética depois das vanguardas e duas conferências de Jürgen Habermas*, São Paulo, Brasiliense, 1992; ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max, *A dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985.

³ Com mítica aqui, queremos dizer que este passado é projetado pelos vanguardistas de forma idealizada, sem qualquer preocupação de registro empírico.

⁴ Ver o texto de SCHWARTZ, Jorge, *Vanguarda e cosmopolitismo*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1983.

⁵ O arielismo foi uma corrente de pensamento surgida devido às idéias circuladas no livro Ariel do escritor uruguaio José Enrique Rodó. O livro de Rodó foi publicado em 1900 e logo teve um grande impacto na América Latina. O livro propunha uma visão de mundo latino-americana, baseada em uma assimilação das idéias iluministas européias e na recusa do utilitarismo estadunidense.